

# Tese avalia os efeitos da pobreza na mente

A assistente social Maria Aparecida de Moraes fez trinta entrevistas livres com migrantes da área rural e indígenas da Amazônia

Euzivaldo Queiroz

Ivânia Vieira  
Especial para A CRÍTICA

SÃO PAULO — Qual a relação entre dificuldades sócio-econômicas e saúde mental? A assistente social Aparecida Maria de Moraes acaba de concluir um dos primeiros trabalhos sobre o tema tendo a região amazônica como cenário de investigação. Na dissertação de mestrado, apresentada no dia 22 último, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, a pesquisadora trabalhou os efeitos da pobreza na mente de homens e mulheres amazônicas.

A dissertação, que valeu à mestrandia nota máxima, com distinção e louvor, tem como título "Desenraizamento Cultural e Desestruturação Mental — o caso Amazônico". Enxertada com 30 entrevistas livres — 16 migrantes da área rural do Amazonas e 14 indígenas —, a pesquisa mergulha no cotidiano dos pobres que por caminhos adversos foram se abrigar na periferia de Manaus, expostos aos novos códigos da cidade.

O trabalho escrito no tempo presente procura manter o fio condutor dos discursos dos entrevistados. "Os fatos são narrados como se estivessem acontecendo, apesar de estarem se referindo a um tempo anterior. E como se a ausência de um momento para a elaboração de fatos e vivências tão sofridas, fizesse com que a dor proveniente desses eventos ainda estejam repercutindo dentro de cada um", registra Aparecida Maria de Moraes.

As entrevistas livres completam a maior parte das 272 páginas que compõem o trabalho. São elas que desnudam o universo dos seus entrevistados e, por consequência, das categorias sociais que estes representam: "Eu tenho um filho que é cheio de problema, mexe no que é dos outros, cheira cola, fuma maconha. Esse filho já me botou muitas vezes pelas delegacias", relata Rosalina (a pesquisadora usou nomes fictícios para que seus entrevistados não pudessem ser identifica-

dos). "Quando vai acabando um problema, tem outro, apresenta outro, nunca tou sem problema na vida (...). Não tenho prazer em sair, conversar. Nunca tive prazer na minha vida".

Joana teme morrer como sua mãe — "fraca do juízo" — e fala da ansiedade em fugir da "perturbação" para evitar a loucura. A perturbação dessa dona-de-casa que vive em condições miseráveis resume-se na frustração de não poder oferecer vida melhor aos filhos e na bebedeira do marido. Leila fala da sua relação com o marido: "Quando ele bebe eu adoço dentro de casa, vou pro fundo de uma rede, me ataca o coração, o sistema nervoso, não como, não bebo, choro com medo. Ele fica doido, quer quebrar tudo".

Raimundo busca um elo entre a ausência da educação e a marginalidade. Conta o caso do seu amigo, Ditão, de 26 anos, morto por policiais. "O principal fato de ter levado Ditão a ser marginal foi ver sua mãe morrer de fome. Se ele tivesse sido uma pessoa educada, não teria ido pra essa profissão. A culpa não foi dele, foi do governo que não lhe ofereceu escola".

A desestruturação mental como um dos contrapontos do desenraizamento cultural ganha detalhes fundamentais nos relatos feitos pelos indígenas: "Hoje nós precisamos de calçados, já nós calçamos, nos vestimos. Tudo isso precisa de dinheiro, agora eu estava pensando em meios pra nós ganharmos dinheiro", inquietava-se o índio Elias. A diferença na relação deixa evidente a carga de vergonha e discriminação que estes sofrem na cidade. É o próprio Elias que conta: "A gente estuda lá (na comunidade indígena) e como a maioria é índio ninguém chama a gente de índio. Aqui (em Manaus) a gente é conhecido mais como indígena e, muitas vezes, se tem vergonha, nos sentimos discriminados".

Aparecida Maria mostra em sua pesquisa as implicações, nas diversas áreas, do desenraizamento cultural. Resgata, através das falas dos indígenas, a tragédia desses povos. "Por ser a alma de uma cultura,



Índios Saterê-Mawé, destribalizados, vivem em barracos improvisados nas favelas da periferia de Manaus

ra, a língua quando atacada, atinge profundamente o vínculo social, contribuindo para quebrá-lo". O tuxaua Lino disse que foram obrigados a falar em português. "Os nossos filhos já não falavam na língua como nós, só no português feio".

Para a pesquisadora, a expressão "português feio" apresenta-se com dois sentidos — o feio de expressar-se errado e o feio por não ser a sua língua. "Quando o indígena perde sua língua passa a viver em ambiguidade e, por outro lado, a sociedade branca ri de um índio que não consegue falar corretamente o idioma português", observa. (Continua na página C10)

# Solidão, medo e sonhos de quem é 'doméstica'

A mulher que vai para a cidade trabalhar como empregada doméstica é uma outra abordagem no trabalho. Uma história que mistura solidão, medo, sonhos, constrangimentos. "Penso que estou ficando mais velha e tem muitas moças. Agora, já estou acostumada na cidade, fica difícil voltar. Mas, eu tenho uma família. Estou sozinha. Penso na minha vida", expõe Isabel, uma empregada doméstica na periferia de Manaus.

As agonias vividas por essas personagens amazônicas são, neste trabalho, contadas e sentidas, numa rara oportunidade, por seus próprios protagonistas. Como se, pela primeira vez, tivessem diante de um espelho sendo forçados a olhar a própria cara, a história que fizeram até então.

"É como se fossem uma fotografia da realidade". É a realidade em desfile fotográfico. A pesquisadora ressalta a frase repetida por seus entrevistados — "você me desculpa pela minha casa" — e comenta: "A culpa nessa si-

tuação é colocada de fora, não se trata de responsabilidade, foi colocada pela sociedade. O indivíduo é considerado culpado por ser pobre".

O caso amazônico relatado neste trabalho recoloca as angústias dos que tiveram sua alma embranquecida — para se imprimir outros valores —, o medo de "ficar fraco do juízo", de ter doenças e permanecer doente de tristeza, quem sabe até morrer de tristeza num ato de loucura.

Aparecida de Moraes, em suas considerações finais, escreve que é utopia querer ver o último divã, onde a partir daquele momento não haverá mais neuroses a serem tratadas e prega a tarefa de conquistar, pela maioria, uma sociedade diferente, onde as pessoas tenham condições de ter saúde mental, onde viver não se restrinja "a tocar a vida". Quantos estão "tocando" a vida para não morrer. "Empurrando" a vida, cada dia um pouquinho, sem direito de experimentar saúde e ter a sensação de que é feliz.



Euzivaldo Queiroz

## O QUE É

Dissertação de Mestrado (Instituto de Psicologia/USP).

Título: Desenraizamento Cultural e Desestruturação Mental — o caso amazônico.

Data de defesa: 22.06.95.

Comissão Julgadora:  
Professor-doutor  
Leonardo Boff

Professora Associada  
Carmita H. Najjar Abdo  
Professora-Doutora Luiza  
Beth Nunes Alonso

## JANELA

"Vi crianças perambulando pelas ruas à busca de sustento para si e para sua família.  
Vi menores acordando o pai quando bêbado para que fosse dormir na cama.  
Vi pequenas pessoas tentando ganhar na Loto ou na Sena, para resolver o futuro financeiro da família.  
Vi crianças tensas, forçadas a ficarem acordadas para descobrir o paradeiro do pai.  
Vi bebês apanharem de mães irresponsáveis.  
Vi crianças deixarem de brincar e começar a lidar com assuntos de adultos.  
Vi meninas que foram violentadas sexualmente.  
Vi crianças que por vivenciarem tantos problemas deixaram de sorrir.  
Vi crianças regredindo, por ser mais seguro ser bebê.  
Vi crianças sendo espancadas.  
Vi pequenos que aprenderam a roubar e a matar.  
Vi crianças pedintes que combatem os preconceitos da sociedade dizendo: "Não vou te roubar, tia".  
Vi pequenas criaturas começarem seu sofrimento muito cedo e quase sempre porque não encontraram um ambiente saudável para crescer.  
Vi tudo isso e quase fui obrigada a pensar que nada vi".  
(Aparecida Maria de Moraes - janeiro/95)